



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

**RAQUEL ARAUJO FELIX DE ALMEIDA**

**PRÁTICA DA LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR DOS ANOS INICIAIS:  
CONHECER A REALIDADE PARA TECER REFLEXÕES**

**CAJAZEIRAS - PB  
2013**

**RAQUEL ARAUJO FELIX DE ALMEIDA**

**PRÁTICA DA LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR DOS ANOS INICIAIS:  
CONHECER A REALIDADE PARA TECER REFLEXÕES**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores- Campus de Cajazeiras/PB, como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Piedade Lino Videira.

**CAJAZEIRAS – PB  
2013**

**RAQUEL ARAUJO FELIX DE ALMEIDA**

**PRÁTICA DA LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR NAS SÉRIES INICIAIS:  
CONHECER A REALIDADE PARA TECER REFLEXÕES**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

DATA DE APROVAÇÃO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_/

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Piedade Lino Videira  
Presidenta da Banca/UFCG-CFP-UAE

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral  
Examinadora/UFCG-CFP-UAE

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Elzanir dos Santos  
Examinadora/UFCG-CFP-UAE

---

Prof.<sup>a</sup>Ms. Edinaura Almeida de Araújo  
Examinadora/UFCG-CFP-UAE- Membro Suplente

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me ajudaram, direta e indiretamente, na construção desta Monografia. Em especial ao meu pai, mãe, irmãos, a exemplo de meu marido, amigas e professores/as. Sei que são poucos os que conseguem chegar ao final. E eu só consegui, porque fui amparada por pessoas especiais e marcantes em minha vida, como cada um e cada uma de vocês.

**Obrigada por tudo!**

## **AGRADECIMENTOS**

### **A Deus**

Por ter me iluminado, enchendo-me de expectativas e sabedoria, para seguir em frente, rumo à concretização dos meus ideais.

**Obrigada!**

*A escola tem que dar ao aluno a instrumentalização para que ele continue aprendendo autonomamente, no seu ritmo, a partir dos seus interesses, lendo aquilo que precisa. A leitura e a aprendizagem constituem mutuamente. Por isso que a leitura é essencial – uma vez ensinado esse instrumental para os alunos, eles terão a possibilidade de continuar aprendendo, de acordo com os seus próprios objetivos, interesses, ritmos de aprendizagem (LERNER 2002, p.79).*

## RESUMO

Neste trabalho monográfico intitulado: Prática da Leitura no Contexto Escolar dos anos Iniciais: conhecer a realidade para tecer reflexões, objetivei identificar qual era a concepção docente acerca da relevância da leitura no âmbito escolar, bem como saber como ocorria a práxis de duas professoras em suas salas com a leitura e, por fim, verificar a metodologia utilizada por elas em sala de aula. No que tange à metodologia, este estudo é de natureza qualitativa e de caráter descritivo. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a observação e entrevista respondido por duas professoras do Ensino Fundamental I da Escola Estadual de Ensino Fundamental Celso Joaquim Matos, na cidade de Cajazeiras - PB. Em relação aos resultados, a investigação revelou que as educadoras reconhecem a relevância que a leitura tem na vida das pessoas, aspecto que a torna, absolutamente, essencial para a construção do conhecimento discente. A pesquisa explicitou também que, a falta de atenção dos educandos, a exemplo da falta de acompanhamento da família, impossibilitam a ação pedagógica docente com relação ao desempenho estudantil em leitura e escrita. Por fim, ressalto a carência de formação docente adequada na área, mesmo que as professoras utilizem vários procedimentos e instrumentos diversificados didático-pedagógicos em sua práxis, a fim de tornar a dinâmica de ensino em leitura, em sala de aula, próxima ao dia a dia dos educandos, para que eles possam ler o mundo mediante suas próprias narrativas.

**Palavras- Chave:** Leitura. Educandos. Professoras.

## ABSTRACT

In this monograph titled: Practice of Reading in the School Context years Initials: know the reality to weave reflections, identify which was the conception about the relevance of teaching reading in the school, as well as knowing as was the practice of two teachers in their classrooms with reading and finally verify the methodology used by them classroom. Regarding methodology, this study is qualitative and descriptive in nature. The instruments used for data collection were observation and interview answered by two teachers from elementary school State Elementary Education Celso Joaquim Matos, the city of Cajazeiras - PB. Regarding the results, the investigation revealed that educators recognize the importance that reading has on people's lives, an aspect that makes it absolutely essential for the construction of student knowledge. The research also explained that the lack of attention of the students, such as the lack of monitoring of family, preclude the teaching pedagogical action regarding student performance in reading and writing. Finally, I point out the lack of adequate teacher training in the area, even if the teachers use various procedures and instruments diversified didactic teaching in their practice, in order to make the dynamics of teaching reading in the classroom, the next day students, so they can read the world through their own narratives.

Keywords: Reading. Learners. Teachers.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 BREVE ABORDAGEM ACERCA DA RELEVÂNCIA DA LEITURA EM ÂMBITO ESCOLAR.....</b>	<b>13</b>
1.1 O ato de ler.....	14
1.2 O processo de Interação entre Leitor-Texto.....	18
<b>2 A RELEVÂNCIA DAS ATIVIDADES DE LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR.....</b>	<b>22</b>
2.1 O papel do Professor no Ensino da Leitura.....	26
2.2 A relevância da formação e da formação continuada dos professores.....	28
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>4 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>37</b>
APÊNDICE A – Modelo de Termo Livre de Consentimento para as professoras partícipes da pesquisa.....	38
APÊNDICE B – Modelo da entrevista aplicada às professoras.....	39

## INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo estudo ora apresentado, intitulado “Prática da Leitura no Contexto Escolar dos anos Iniciais: conhecer a realidade para tecer reflexões” surgiu, a partir da experiência que tive no estágio supervisionado, realizado no curso Normal em Nível Médio em 2007. Além de minha vivência como professora nas salas de aula da Educação Infantil, em que observei que a maioria dos educandos não tinha e tem o domínio em leitura.

A partir desta constatação, percebi que, investigar este tema nos anos iniciais, poderia ajudar-me e demais profissionais da educação, sobretudo da cidade de Cajazeiras, a compreendermos e identificarmos os fatores que impedem a aquisição desta habilidade pelos estudantes.

Autores (as) que estudam e investigam sobre a temática, quais sejam: SOLÉ (1998); KLEIMAN (2000); MARCUSCHI (2001); GERALDI (1993) e MANTENCIO (2000) entre outros, dizem que a leitura é o meio mais importante para aquisição de saberes, é um instrumento básico para todo o sistema educativo. Entretanto, a atividade pedagógica não pode se limitar a ensinar a ler, é necessário que leve o educando a criar o hábito da leitura. Mas, este ato deve começar a ser estimulado desde cedo pela família, dando oportunidade para a criança manipular livros infantis e, a partir daí, familiarizar-se com sua forma e linguagem.

O gosto pela leitura deve ser incentivado na sala de aula, mas a realidade é outra. Os estudantes, na maioria das vezes, não têm interesse algum pela leitura, ao contrário, “desprezam-na”. Este distanciamento trata-se de uma falta de hábito de nós brasileiros com a leitura, desde nossa base familiar, que se evidencia na escola, todavia pode ser modificado por nós professores.

Face ao exposto, e devido às inquietações supracitadas que suscitaram em mim o desejo de mergulhar neste campo de investigação, digo-vos que guiei meu olhar, no presente estudo, com base no objetivo geral de: investigar como ocorre a prática docente desenvolvida por duas professoras nos anos iniciais, para estimular hábitos de leitura nos e pelos estudantes, desdobrando-se nos objetivos específicos, quais sejam: identificar a concepção de leitura que norteia o trabalho das docentes, sujeitos desta pesquisa, e verificar a metodologia

---

<sup>1</sup> Segui as determinações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que visa atender às exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que, no Brasil, regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Seu principal objetivo é assegurar e preservar os direitos dos participantes de pesquisa.

utilizada pelas professoras na sala de aula nas séries iniciais.

No que se refere à metodologia do estudo, trata-se de uma pesquisa qualitativa que, partindo do tema, permite associar diferentes visões e compreensão da realidade. Como afirma Oliveira (2007, p.37): “[...] a pesquisa qualitativa é um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e segundo sua estruturação”.

Essa pesquisa também se caracteriza como uma pesquisa de campo, de natureza descritiva, a qual segundo Rudio (1998) descreve as características de uma determinada população ou um determinado fenômeno e os interpreta; bem como de abordagem explicativa, porque busquei esclarecer que fatores contribuíssem de alguma forma para a ocorrência do fenômeno de estudo.

No que se refere aos instrumentos para a coleta de dados na pesquisa, optei pela entrevista que foi entregue a duas professoras do Ensino Fundamental I, contendo seis questões abertas, para que elas tivessem a liberdade de responder as perguntas que lhe foram feitas. Mas, com um tempo determinado para devolvê-los. De acordo com Oliveira (2007, p. 83): “[...] os questionários têm como principal objetivo descrever as características de uma pessoa, ou de determinados grupos sociais”.

O segundo instrumento de coleta de dados foi a observação participante, a qual me permitiu acesso direto às professoras investigadas, e também me possibilitou obter melhores resultados sobre a pesquisa e mais elementos para a abordagem analítica e confrontação de dados, apresentadas no Capítulo II. Como afirma Oliveira (2007, p.81): “Na observação participante, o pesquisador (a) deve interagir com o contexto pesquisado, [...]”.

Por fim, como já foi relatada, esta pesquisa teve a colaboração de duas professoras da Educação Fundamental I, que são identificadas ao longo da monografia com o pseudônimo de Frutas e, portanto, aparecerão no texto com a denominação de Professora Morango e Professora Manga. Tanto a Professora Morango quanto a Professora Manga foram escolhidas para participar desta pesquisa por meio da diretora da Instituição, a qual não quis revelar o motivo da escolha. A Professora Morango tem apenas 28 anos, é casada, sua formação é Normal Nível Médio, professora temporária, mas já possui 10 anos de formação e de atuação, no Ensino Fundamental I. No que tange à Professora Manga, ela tem 37 anos, é casada, formada na área de Pedagogia, e com Especialização em Gestão e Planejamento, é professora temporária, com dois anos de formação, e um ano de atuação em sala de aula.

O *locus* desta investigação foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Celso Joaquim Matos, localizada na Rua Júlio Marques do Nascimento, S/N na cidade de Cajazeiras

– PB, pertencente à rede estadual desta cidade e funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno. As turmas observadas durante duas semanas foram a do segundo e quinto anos, tendo em média 29 estudantes em cada sala, com idade entre 7 e 14 anos. O meu critério de escolha pela Instituição mencionada pautou-se numa atividade de observação que fiz como acadêmica do curso de Pedagogia, durante o Estágio Supervisionado.

No que se refere à estrutura da monografia, ela está dividida em dois capítulos: No primeiro, discorro brevemente, acerca da relevância da leitura em âmbito escolar, evidencio a relevância da leitura, a qual deve ser compreendida como uma prática consciente pelo educando em âmbito escolar; no segundo, abordo a relevância das atividades de leitura, no contexto escolar, com destaque para a relevância do papel do professor no ensino da leitura nas escolas.

Por fim, nas considerações finais, evidencio a síntese dos resultados da pesquisa, para quiçá possa contribuir com o aprendizado de educadoras em formação como eu, e educadoras formadas, a fim de que tenhamos clareza do valor da leitura na vida de todo e qualquer cidadão e cidadã brasileiro/a.

## **1 BREVE ABORDAGEM ACERCA DA RELEVÂNCIA DA LEITURA EM ÂMBITO ESCOLAR**

**Neste capítulo, apresento uma discussão teórica sobre a importância da leitura, bem como sobre o ato de ler e, discorro sobre a relevância dos educadores compreenderem o processo de leitura e de interação entre leitor/texto, por fim, apresento alguns dados da pesquisa.**

De acordo com Gregolin (1999, p. 54), “de todas as formas de linguagem, a mais sofisticada é a escrita, pois ela possibilita a leitura da memória cultural, bem como da construção de conhecimentos presentes nas obras literária, científica e filosófica”.

Ao sistematizar a transmissão de conhecimentos pela escrita, a sociedade humana constituiu um elo entre o produtor e o receptor dos textos, abolindo distâncias do espaço e do tempo e concretizando a memória.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (1997, p. 53), a leitura é:

[...] um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê.

Ler é interpretar. Interpretar é criar significado, não só a partir do que está escrito, mas também do conhecimento que cada leitor traz para o texto, seu conhecimento de mundo, sua experiência de vida. Por essa razão, é que não se pode admitir uma interpretação única de texto, partindo do princípio de que o significado está dado nele mesmo. Deve-se compreender o que há por trás das diferentes interpretações e sentidos atribuídos a um mesmo texto pelo educando.

A leitura na sala de aula deve avançar a níveis mais profundos que permitam ao estudante fazer seu próprio questionamento, sua própria interpretação e sua efetiva interpelação com o texto. Normalmente, a leitura é centrada no que o professor quer. Ele induz o educando à leitura. O professor não orienta, ele comanda. Ao corrigir um texto produzido por seus aprendizes, não deve colocar-se como juiz entre o texto e o estudante. Mas, seu papel deve ser o de mediador em relação às ideias que foram expostas, e na avaliação ir além da correção de gramática.

Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN (1997, p. 41):

A formação de leitores e, conseqüentemente, a formação de escritores – pessoas capazes de escrever com eficácia, e não, evidentemente, escritores no sentido de profissionais da escrita se dão devido à prática de leitura, pois ao lermos, nós adquirimos a possibilidade de produzir textos eficazes que nos fornecem, por um lado, a matéria-prima para a escrita: o que escrever: por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.

A leitura deve ser um objeto de aprendizagem, e não apenas um objeto de ensino, como tem sido, fundamentalmente, na escola. Ler, não é apenas decodificar, converter letras em som, tendo a compreensão como seqüência. A escola, com esta concepção de leitura, vem formando e produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar todo e qualquer texto, mas com enorme dificuldade para compreender o que leem.

Aprendemos que a escola é um espaço de instituição da leitura, é uma instância de julgamento e valoração de textos. Ela dita, por meio de suas escolhas, qual deve ser o gosto do leitor, selecionando os materiais que considera “positivos” e banindo aqueles considerados “negativos”, geralmente conforme uma “estética” difusa e centrada na linguagem escrita. Além disso, cabe a escola propiciar aos educandos, o prazer e o gosto pela leitura, o que podemos observar a seguir.

### 1.1 O ato de ler

Partindo do pressuposto de que a compreensão é também um exercício de convivência sociocultural, nossas ações diárias mais significativas são de linguagem. Por isso, precisamos compreender seu funcionamento que, de tão espontâneo, não damos conta de sua complexidade. Ao falarmos ou escrevermos, agimos, até certo ponto, de forma inconsciente. No entanto, as atividades sociais e cognitivas marcadas pelas linguagens são colaborativas e não atos individuais, o que acaba gerando mal-entendidos.

Sendo a língua uma atividade constitutiva, com ela podemos construir sentidos. E como forma cognitiva, ela pode expressar nossos sentidos, crenças, ideias e desejos.

Em relação ao conceito de texto, Marcuschi (2001, p. 4) afirma que: “os textos podem nos produzir mais de um sentido, pois a língua permite a pluralidade de significações e as pessoas podem entender o que não foi pretendido pelo falante ou pelo autor do texto”.

Sendo impossível dizer tudo, o autor de um texto sempre vai ter que deixar muita coisa por conta do interlocutor. Um texto bem-sucedido é aquele capaz de dizer o suficiente

para ser bem entendido, supondo apenas aquilo que é possível esperar como sabido pelo ouvinte ou leitor. Por causa disso, a atividade de produção dos sentidos (ou de compreensão de texto) é sempre uma prática de coautoria.

Os efeitos de sentido são produzidos pelos leitores ou ouvintes na relação com os textos, de modo que as compreensões são frutos do trabalho conjunto entre produtores e receptores em situações reais de uso da língua. Desta forma, percebi que o sentido não está no leitor, no texto ou em seu autor, mas se dá como efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas a partir deles.

No que tange às teorias de compreensão, Marcuschi (2004, p. 2) vem situá-las em dois paradigmas, quais sejam: “Compreender é decodificar: compreender é inferir. Entender a compreensão, como sendo decodificação, é ver a língua como código e considerar a compreensão como atividade inferencial e é a partir do pressuposto, de que a língua é atividade”.

Os livros didáticos baseiam-se na primeira abordagem, pois a maioria deles não admite respostas alternativas a perguntas de compreensão, uma vez que entendem que, compreender o texto é apenas decodificar informações inscritas objetivamente.

Na visão de Marcuschi (2004, p. 8),

Compreender não é uma atividade de precisão, mas também não é imprecisa e de pura adivinhação. É uma atividade de seleção, reordenação e reconstrução, em que certa margem de criatividade é permitida. Não podemos dizer quantas podem ser as compreensões, mas podemos afirmar que algumas são impossíveis, pois compreender é produzir modelos cognitivos compatíveis preservando o valor-verdade.

A interpretação é a etapa que se realiza, quando a capacidade crítica do leitor é acionada, fazendo com que utilize seus conhecimentos anteriores, faça inferências conforme suas vivências de mundo e reúna tudo isto às informações no texto, para julgar o que lê, de acordo com seus objetivos. Assim, o interlocutor pode reformular e julgar conceitos transmitidos pela leitura, ampliando seu nível de conhecimento e informações.

Diante do exposto, considerei relevante, saber quais eram as concepções de leitura das professoras sujeito desta pesquisa, a fim de ampliarmos os elementos de análise sobre o fenômeno de estudo. E elas responderam que:

Leitura é a base para as descobertas que podemos fazer sobre o mundo. A leitura pode nos levar a lugares jamais visitados (PROFESSORA MORANGO).

Leitura não é só decodificar símbolos e sim, ler é saber o que se está lendo (PROFESSORA MANGA).

As entrevistadas manifestaram opiniões críticas em relação às suas concepções sobre a leitura, com conteúdos distintos, mas não contrários. A PROFESSORA MORANGO deixa claro que a prática da leitura faz-se presente na vida das pessoas, a partir do momento em que passam a compreender o mundo a sua volta, e a PROFESSORA MANGA ressalta que para o exercício da leitura é preciso que o leitor não só leia um texto, mas, sobretudo consiga interpretá-lo e tenha condições de opinar sobre ele, e por fim desenvolva habilidades na escrita.

De acordo com Solé (1998, p. 90):

É a concepção que o professor tem da leitura que fará com que ele projete determinadas experiências educativas com relação a ela, como, por exemplo: ler é, sobretudo, uma atividade voluntária e prazerosa e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta, devemos estar motivados para aprender e ensinar a ler.

Depreendo do pensamento da autora Solé, que a leitura deve ser avaliada como instrumento de aprendizagem, informação e que para o leitor, é imprescindível que sinta prazer na leitura e consiga transmiti-la aos demais. Compreendi ainda que a atividade de leitura na escola, não deve ser considerada uma competição, mediante a qual alguns estudantes ganharão prêmios e os demais sofrerão sanções pela falta de habilidade em seu exercício na sala de aula. Na condição de educadores e educadoras devemos primar, para que a atividade de leitura, na escola, seja significativa para as crianças e corresponda a uma finalidade, ou seja, que elas possam compreender e compartilhar com seus pares, e fora do ambiente escolar, o que aprenderam no contato com os livros. Por isso, é indispensável que o/a professor/a observe a complexidade deste ato e ofereça a ajuda necessária aos estudantes para superarem os desafios que envolvem o ato de ler. A criação do hábito e do prazer pela leitura deve ser preocupação constante de pais e educadores. Ninguém pode desconhecer a importância da leitura na vida de uma pessoa.

Para Geraldi (1993, p.188):



Sendo a leitura também produto de sentidos, do ponto de vista pedagógico, não devemos privilegiar o horizonte da leitura do professor ou daquele presente no livro didático, mas diante da leitura do aluno, recuperar sua caminhada interpretativa, destacando que pistas do texto fizeram acionar outros conhecimentos para que ele produzisse o sentido que produziu.

O professor deve dar importância à leitura dos estudantes, no que diz respeito à interpretação, pois em um determinado texto pode haver interpretações diferentes, de acordo com cada leitor. Sendo assim, o professor precisa observar quais são os mecanismos utilizados pelo educando, diante do que ele compreendeu em relação ao que foi lido.

De acordo com Kleiman (2000, p. 47): “O contexto escolar não favorece o delineamento de objetivos específicos na leitura, tornando-a difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas com um pretexto para cópias, resumos, análise sintática e outras tarefas do ensino da língua”.

Nossa capacidade de processamento e de memória melhora, significativamente, quando é fornecido um objetivo para uma tarefa. Somos capazes de lembrar muito melhor aqueles detalhes de um texto que têm a ver com um objetivo específico. Isto é, compreendemos e lembramos, seletivamente, daquela informação que é importante para o nosso propósito.

A forma do texto determina, até certo ponto, os objetivos de leitura. O leitor pode fazer uso de mecanismos para a apreensão rápida de informação visual, dando uma mera passada de olhos, processo este chamado de “scanning” ou “avistada”. Por outro lado, se estamos em dúvida sobre o possível interesse de um assunto, é provável que utilizemos uma pré-leitura seletiva, um processo chamado de “skimming”, que consiste em ler, por exemplo, seletivamente os primeiros ou últimos períodos de parágrafos, as tabelas, ou quaisquer outros itens selecionados pelo leitor, a fim de obter uma ideia geral sobre o tema e subtemas.

A criança em fase de alfabetização lê vagarosamente, mas o que ela está fazendo é decodificar um processo muito diferente da leitura, embora as habilidades necessárias para a decodificação sejam necessárias também para a leitura. O leitor adulto não decodifica, ele percebe as palavras, globalmente, e deduz muitas outras, guiadas pelo seu conhecimento prévio e por suas hipóteses de leitura.

Ao levantar hipóteses, o leitor terá, obrigatoriamente, que solicitar conteúdos e uma estruturação para esses conteúdos, isto é, terá que imaginar tema e subtema. Estas hipóteses, além de predizerem conteúdos, predizem também estruturas textuais.

Uma vez que o leitor conseguiu formular hipóteses de leitura independentemente, utilizando tanto seu conhecimento prévio como os elementos formais mais visíveis e de alto

grau de informatividade, como título, subtítulo, datas, fonte e, ilustrações, a leitura passará a ter esse caráter de verificação de hipóteses, para confirmação e revisão, num processo menos estruturado que aquele, inicialmente modelado pelo adulto, mas que envolve uma atividade consciente, autocontrolada pelo leitor, bem como uma série de estratégias necessárias à compreensão. Isto ocorre por meio de um processo, cujo professor terá de propiciar ao educando uma relação entre ele e o texto.

## **1.2 O processo de interação entre leitor-texto**

A tarefa do professor é criar oportunidades que contribuam para o desenvolvimento do processo cognitivo do educando. Aprender a ler não corresponde simplesmente, à aquisição de um novo código mediante o simples acréscimo de uma nova capacidade, mas sim ter acesso a um mundo distinto daquele em que a oralidade instala-se e se organiza. Durante os dez dias observados, pude constatar a interação entre as professoras e os educandos, o respeito que um tem pelo outro. O trabalho com a leitura, em sala de aula, necessita de interação entre professor e educando, para que haja o prazer e a vontade de ler e aprender de ambos.

Sobre o assunto, Kleiman (1999, p. 181), nos diz que:

A relação entre professor e educando como de responsabilidade mútua relativa aos objetivos da comunicação, responsabilidade esta que implica o estabelecimento de pontos de contato entre ambos, mantendo, ao mesmo tempo, o direito do leitor de se afastar dos objetivos do autor.

De acordo com esta autora, na leitura estabelece-se uma relação não entre o objetivo e o leitor, mas entre o leitor e o autor, sujeitos sociais, num processo que será, necessariamente, dinâmico e mutável.

Kleiman (1999, p.38) afirma que, a “descrição de leitura como processo interativo vem sendo usada para se referir a tipos diferentes de interação na área da leitura”. Percebi que as professoras sujeitos desta pesquisa, fazem parte desse processo interativo que, muito embora seja prazeroso para elas e por meio dele tenham alcançados os objetivos durante a semana, não é nada fácil, pois este trabalho de transmissão de conhecimento, requer paciência competência já que as professoras trabalham com materiais concretos que atraem a atenção dos educandos.

Embora nesta versão de leitura interativa o leitor seja apenas caracterizado como sujeito cognitivo, e o texto apenas como objeto formal, a relação que se estabelece entre leitor e texto é importante, porque ela determina maneiras de leitura diferentes, e porque tenta resolver o problema da indeterminação do texto do ponto de vista referencial, procurando estabelecer um equilíbrio entre a informação que o leitor deveria ter e aquela que o texto deveria trazer.

No modelo ascendente, considera-se que o leitor, perante o texto, processe seus elementos componentes, começando pelas letras, continuando com as palavras, frases em um processo ascendente, sequencial e hierárquico que leva à compreensão do texto. Percebi, na observação, que as professoras MORANGO e MANGA mostraram esse modelo ascendente nas suas aulas. Inicialmente, os estudantes faziam a leitura de textos por meio de cartazes com a leitura individual e coletiva, para que sigam a fase de interpretação do texto lido em sala de aula.

As propostas de ensino baseadas neste modelo atribuem grande importância às habilidades de decodificação, pois consideram que o leitor pode compreender o texto, porque pode decodificá-lo totalmente. É um modelo centrado no texto e que não pode explicar fenômenos tão correntes, como o fato de que, continuamente, inferimos informações, o fato de ler e não perceber determinados erros tipográficos e mesmo o de que possamos compreender um texto, sem necessidade de entender em sua totalidade cada um dos seus elementos.

Neste caso, descendente: a partir das hipóteses e antecipações prévias, o texto é processado para sua verificação. As propostas de ensino geradas por este modelo enfatizam o reconhecimento global de palavras. Na observação, percebi que a maioria dos estudantes não faz uso do reconhecimento global das palavras e não sabe ler corretamente. Eles sentem dificuldade no reconhecimento de palavras. E isto faz com que os estudantes não façam o uso da leitura adequadamente.

Numa perspectiva social, o papel do interlocutor esvazia-se toda vez que o leitor aceita o texto como objetivo acabado, toda vez que ele não exerce seu direito de interlocução, privilegiando com isto o autor no processo. Numa atividade de leitura, é preciso distinguir as relações que são instituídas entre autor e leitor, por um lado, e entre leitor e texto, por outro. No contexto escolar, o professor, um dos fatores da ação do contexto imediato no leitor, é também constitutivo do processo. Ele determina, em grande medida, os objetivos de leitura. Em relação aos textos que as professoras MORANGO e MANGA trabalharam com os educandos, em sala de aula, observei que eles sentiam muita dificuldade em compreender os

textos. Mas, essa falta de compreensão dava-se pela falta de atenção na leitura entre os educandos. Eles liam o texto, sem prestar atenção no que estavam lendo. Percebi também a dificuldade no que diz respeito ao compromisso com as atividades de casa, já que nem todos os educandos realizam seus deveres, em casa, o que mostra a falta de comprometimento de alguns pais com o processo educativo de seus familiares.

Solé (1998, p. 92) considera que os objetivos da leitura determinam a forma em que um leitor situa-se frente a ela e controla a consecução do seu objetivo, ou seja, a compreensão do texto:

Ler para obter uma informação precisa; é a leitura que recebemos quando pretendemos localizar algum dado que nos interessa. Caracteriza-se pelo fato de que, na busca de alguns dados, ocorre o desprezo por outros. O ensino deste tipo de leitura requer algumas estratégias. Tem por característica ser muito seletiva, por isso oferece ocasiões significativas para trabalhar aspectos da leitura como a rapidez. Ler para seguir instruções: é aquela que nos permite fazer algo concreto. Quando se lê com o objetivo de saber como fazer, é preciso compreender o texto lido e se for coletivo, compartilhar a compreensão.

O papel do professor pode ser não o de mediador entre autor e leitor, mas o de fornecedor de condições para que se estabeleça a interlocução. Neste caso, as entrevistadas são professoras facilitadoras de conhecimentos, como por exemplo, nas tarefas realizadas em sala, elas não davam as respostas prontas e sim elas orientavam e mostravam os caminhos para que os educandos encontrassem as respostas.

As dificuldades que o educando tem na leitura e sua passividade frente ao texto não são problemas independentes. Pude perceber, na observação, que os educandos da turma da professora MORANGO e da turma da professora MANGA, em sua maioria, foram ativos e a minoria passiva frente aos textos que tiveram acesso em sala de aula. A passividade não é consequência da ação do professor no contexto, mas da inação; do ponto de vista de ensino de leitura, pois a passividade é produto da intervenção do professor como único interlocutor. Ela decorre de práticas pedagógicas que começam pela utilização do livro didático, escrito especialmente, para veicular informação ao educando, como apoio visual do material apresentado em sala de aula e fornecedor de perguntas para o mesmo.

O objetivo fundamental da escola deve ser, portanto, a formação do “leitor plural”, capaz de ler o presente, resgatar o passado e projetar o futuro, por intermédio da complexidade de textos que circulam no meio social. Na medida em que a escola é o lugar privilegiado de formação de leitores, a escola pode propiciar o desenvolvimento de leitores e incorporar leitura, entre os seus materiais, levando em consideração os diversos gêneros

textuais que circulam na sociedade moderna. É sobre esta realidade que a escola tem de desenvolver a capacidade de ler nos educandos, que tratarei no capítulo seguinte.

## 2 A RELEVÂNCIA DAS ATIVIDADES DE LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

Neste capítulo, evidenciarei algumas possibilidades de se trabalhar com as atividades de leitura em sala de aula, dando ênfase ao papel do professor, neste processo, e a relevância da formação e da formação continuada deste em sua práxis.

É essencial, a escola, mediante estratégias inovadoras, contribuir para a formação de leitores de jornais, de revistas, de fotos de família, enfatizando a importância de se ler imagens, uma vez que estas, além de serem consideradas um texto, compõem-se como uma unidade de significados. Também é fundamental que o professor desenvolva práticas leitoras com textos de diferentes gêneros, priorizando os que circulam, socialmente, variando uma ou mais estratégias de leitura, de maneira a atender melhor a uma variedade de objetos do leitor diante dos diferentes tipos de leitura.

Para melhor compreender o universo desta pesquisa, perguntei às professoras Morango e Manga como elas desenvolvem atividades de leitura em sala de aula e elas responderam que:

Acontecem de forma coletiva e individual, de forma a propiciar aos alunos interagirem entre si (PROFESSORA MORANGO).

Acontece de forma coletiva e individual. Em alguns momentos proponho a leitura de imagens aos estudantes (PROFESSORA MANGA).

As respostas das entrevistadas revelaram que ambas trabalham com a leitura de forma coletiva e individual em sala de aula, bem como utilizam a leitura de imagens e interação entre os estudantes. Durante a observação que fiz na sala de aula de cada uma das entrevistadas, posso dizer que elas são coerentes com o que dizem e realizam em sala de aula. Ambas valorizam o diálogo entre professora/educando, educando/educando. Este encaminhamento facilita o desenvolvimento da oralidade pelos discentes que ficam desinibidos e mais sociáveis, fazendo com que todos aprendam em conjunto.

Vale ressaltar que, tanto a Professora Morango quanto a Professora Manga iniciam suas atividades, em sala de aula, utilizando a leitura de um texto, seguido de explicações acerca de seu conteúdo e sua relevância para a vida dos educando. Em seguida, escrevem no quadro algumas questões relacionadas ao texto lido, e por fim solicitam que os estudantes façam a interpretação do que leram.

A esse respeito Matencio, (2000, p.33) expõe que

A leitura deve ser repensada por meio de novas vivências do espaço educativo, das relações entre educadores e alunos, da comunidade local, das responsabilidades individuais e coletivas, do apreço ao conhecimento e principalmente das influências do meio familiar.

Com certeza a leitura é necessária à vida dos educandos, por isso devemos repensar tanto as escolas como espaços em que este processo acontece; quanto à metodologia utilizada pelos professores, para que a vivência do educando neste espaço instrucional seja significativa. Esta é uma responsabilidade não só dos professores, mas de todos os que fazem parte deste processo, ou seja, de todo corpo escolar, da comunidade e ,principalmente, da família que não pode eximir-se de sua responsabilidade com seus familiares em seu processo de forma integral, ou seja, em valores; moral, social, emocional, espiritual e instrucional.

Investir na formação de leitores é uma tarefa urgente. É preciso apostar que é possível ir muito além da alfabetização, e que sujeitos leitores são capazes de olhar, reflexivamente, a realidade a sua volta, e de fazer a opção de mudá-la de alguma forma.

A escola tem de desenvolver a capacidade de ler nos educandos, isto porque a leitura é, absolutamente, essencial para a construção do conhecimento na contemporaneidade. Portanto, ela precisa municiar os estudantes para conviverem com sucesso, numa sociedade que muda muito rapidamente e, que, exige muita competência no uso de diversas tecnologias.

As professoras Morango e Manga, respectivamente, demonstraram ser conscientes da aquisição desta habilidade pelos educandos ao responderam que:

[...] sem a leitura torna-se impossível a construção do nosso conhecimento, pois como já foi dito, a leitura é a base para descobrirmos o mundo.

Sim, porque se você não lê, você não consegue escrever de forma correta e nem pode se comunicar, socialmente, com todas as pessoas.

De acordo com as professoras entrevistadas, a leitura é uma fonte essencial para a construção do conhecimento, pois por meio dela os estudantes podem “descobrir o mundo” e também se comunicarem com a diversidade de pessoas que irão conviver em sociedade. Não tenho dúvidas de que a leitura é essencial para formar cidadãos críticos. E com ela, aumentamos o nosso vocabulário, melhoramos a nossa escrita, ampliamos o nosso conhecimento sobre o mundo.

Ainda sobre este assunto, Lerner (2002, p.79) assinala que:

A escola tem que dar ao aluno a instrumentalização para que ele continue aprendendo autonomamente, no seu ritmo, a partir dos seus interesses, lendo aquilo que precisa. A leitura e a aprendizagem se constituem mutuamente. Por isso que a leitura é essencial– uma vez ensinado esse instrumental para os alunos, eles terão a possibilidade de continuar aprendendo, de acordo com os seus próprios objetivos, interesses, ritmos de aprendizagem.

Nesse sentido, a escola tem por responsabilidade proporcionar aos seus estudantes condições para que estes tenham acesso ao conhecimento. Neste ciclo de criação e recriação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida alguma, um lugar de grande destaque. Entretanto a escola *in loco* não tem biblioteca adequada para que os educandos tenham esse acesso. A biblioteca de uma escola, por exemplo, é um lugar relevante para que os estudantes adquiram o hábito autônomo de ler e escolher os livros que gostariam de se deliciar lendo.

Neste contexto, Geraldi (2001, p.34) afirma que a biblioteca escolar é um:

Espaço dinâmico e integrante da escola, envolvida no processo ensino-aprendizagem, precisa estar equipada de material de boa qualidade para desempenhar sua função de agente educacional, proporcionando aos alunos oportunidades de crescimento e enriquecimento cultural, social, intelectual e momentos de lazer através de livros científicos e de leitura recreativa.

Sabemos que a escola tem um plano a cumprir e dentro dele as atividades de linguagem devem ser realizadas e avaliadas. Ensinar a ler com prazer, a tirar proveito pessoal da leitura, esbarra quase sempre na questão do número de estudantes nas salas de aula e na dificuldade em avaliar, objetivamente, o aproveitamento, o prazer e a fruição deles. Mas, sem paixão não avançamos, principalmente, quando pisamos na seara da literatura.

Ensinar as características estruturais dos gêneros, as combinações linguísticas possíveis em um texto, a organização das palavras, a comunicação das palavras, a comunicação de ideias, não devem matar o prazer, não podem impedir que a leitura faça sentido pessoal e íntimo na vida do estudante.

Com base neste enfoque, Soares (2002, p.46) menciona que a função da escola: “É ensinar novidades, ampliar o repertório do estudante com exposição de maior diversidade de gêneros textuais”. A dosagem e as exigências devem ser planejadas, considerando que, a formação do leitor é um processo de amadurecimento. Quanto antes começar mais, sentido fará na vida do estudante-leitor.



No ensino, não basta discutir ou teorizar o valor da leitura. É preciso construir e levar para a prática a leitura, a ser cada vez mais sedimentada na vida do educando. Ler é um ato libertador. Quanto maior vontade, maior consciência de liberdade e maior terá que ser o índice de leitura.

Mesmo diante do desinteresse de alguns estudantes diante dos textos propostos pelas professoras MORANGO e MANGA em sala de aula, inquiri-las com o intuito de saber como os educandos são incentivados por elas a desenvolverem o hábito da leitura.

Eles são incentivados através de diálogos feitos na própria sala de aula,  
(PROFESSORA MORANGO).

Diariamente eles fazem atividades de leitura e escrita na sala de aula,  
(PROFESSORA MANGA).

Segundo os relatos das professoras, elas afirmam incentivar os estudantes para que adquiram o hábito da leitura e destacam o diálogo como relevante neste processo. Entretanto, com base na literatura que me debrucei sobre o assunto, posso afirmar que uma simples conversa não é o suficiente para que os estudantes sintam-se incentivados a ler. Contudo, na observação, *in loco* observei que as professoras levam para sala de aula livros de vários gêneros, bulas de remédio, rótulos de vários produtos e leem com os educandos, mostrando que eles próprios devem ter prazer em ler, na tentativa de incentivo maior a eles.

Considero importante trazer para este nosso diálogo sobre a prática de leitura em sala de aula, a opinião do autor Baccega (2003, p.75) o qual afirma que a escola deve:

Incentivar a leitura de jornais; estimular outras leituras; ensinar o aluno como é o jornal; promover o debate sobre o papel da imprensa; capacitar o aluno a ler criticamente o jornal; promover o respeito às opiniões divergentes; aproximar a escola das questões do cotidiano; facilitar uma aproximação entre os professores; ajudar o aluno se expressar melhor; contribuir para que o aluno escreva melhor... e colaborar para a construção de um conhecimento mais amplo.

Assim, é fundamental que os estudantes/leitores aprendam com o olhar e a orientação atenta e criteriosa dos professores, antes a ler o mundo em que vivem por meio da construção de suas próprias narrativas. Só assim será possível a construção do conhecimento, a transformação do educando em sujeito da inserção e percepção direta de si como agente mobilizador na sua realidade. Para melhor compreendermos a relevância da influência docente no ensino da leitura para a vida dos estudantes apresentará a seguir o papel do professor neste aspecto.

## 2.1 O papel do professor no ensino da leitura

O professor deve estimular o educando a pensar, criticar e analisar, para que ele se fortaleça e possa enfrentar o dia a dia, desafiando o mundo em que vive. Os docentes precisam acompanhar as mudanças e aceitá-las, participando mais do cotidiano dinâmico de seus educandos, para poder dar e receber o merecido reconhecimento deles.

Assim, é primordial que o professor, ao sugerir uma obra, fale a seus educandos sobre o autor, faça uma pequena biografia do mesmo e, explique o porquê de lê-lo e, se necessário, contextualize a história. Também pode compará-la com a época e com o cotidiano em que vivem. Dessa forma, o enredo não será surpresa, o estudante terá ideias do que encontrará na leitura. Os professores devem procurar trabalhar com várias estratégias metodológicas em suas aulas. A esse respeito, vejam o que responderam as professoras sujeito desta investigação, ao perguntar quais as metodologias utilizadas em suas aulas para despertar no educando o gosto pela leitura? Justifique.

Apresentamos aos mesmos, tanto a linguagem verbal, como também procurando colocar o dia a dia dos alunos nos momentos de leitura, mas sempre através de discussão, pois dessa forma, torna-se mais fácil para eles absorverem, se envolverem e desenvolverem o gosto pela leitura. (PROFESSORA MORANGO).

Faço vários tipos de leitura como, por exemplo: de histórias infantis outras, para promover discussão na turma. Também sento em círculo no chão para que eles fiquem à vontade e sintam prazer naquilo que estão lendo. Procuo ainda não trabalhar leituras compridas, e sim leitura curtas (PROFESSORA MANGA).

Fazendo o cruzamento entre as falas das professoras supracitadas e a observação que fiz em suas salas de aula, posso dizer que elas utilizavam uma série de procedimentos didático-pedagógicos: A PROFESSORA MORANGO trabalha com histórias em quadrinhos, conto de fadas, filme, roda de conversas dentre outros; e a PROFESSORA MANGA trabalha com livros didáticos, paradidáticos, textos informativos, TV, vídeo e atividades relacionadas ao hábito da leitura. Mas, sempre visando a receber o retorno de suas ações formativas e, ao mesmo tempo, dar aos educandos o retorno das suas próprias ações, ou seja, as professoras ensinam, mas também querem receber o retorno dos estudantes, para poder definir como está o seu processo de ensino-aprendizagem, pois só assim o profissional da educação pode ter certeza das potencialidades e limitações da metodologia aplicada por ele em sala de aula.

As falas das professoras podem ser referendadas pela fala da autora Moraes (2000, p. 28), no momento que ela diz que:

Convém aos professores, ao término de uma leitura, provocar seus alunos, promover discussões, acompanhar o percurso da construção do conhecimento como ferramenta indispensável de análise para que cada aluno a questione e reconstrua suas pré-concepções, seus interesses e atitudes.

Depreendo da fala da autora que, se o professor mostrar que todo livro traz na capa ou nas primeiras páginas o nome do autor, do ilustrador, da editora e o ano que foi publicado, e o faz com convicção, passando para o educando que tais informações são essenciais e que esta é a primeira leitura que se faz de um livro, esse educando jamais se esquecerá de procurá-las toda vez que buscar uma leitura.

Assim como, se esse professor utilizar diversificados instrumentos didático-pedagógicos em sua práxis, por exemplo: os jogos de boliche, materiais recicláveis feitos com garrafa PET, tampinhas de garrafas, entre outros que, de forma lúdica, possam chamar a atenção dos alunos e fazer com que brincando eles aprendam. Poderão, por certo, despertar maior interesse da comunidade estudantil pela leitura e demais áreas do conhecimento em ambiente escolar. Mas, não podemos esquecer a relevância dos livros neste processo.

Para Abreu (2001, p.19), “O livro constitui o mediador na comunicação escrita entre o professor e o aluno. Através dele, valoriza um ensino informativo e teórico”. Por esse motivo, torna-se necessário a formação de leitores que possam trabalhar este material.

O professor tem a liberdade de escolher as obras didáticas para seus estudantes, em função do conhecimento que tem dos livros, da escola e destes. Partindo disso, o papel do professor como mediador da aprendizagem, é proporcionar situações-problemas que levem o educando a refletir e a formular hipóteses em busca de soluções, construindo assim, seu próprio processo de aprendizagem.

Sendo assim, a qualidade da educação não trata somente de passar informações aos estudantes, mas depende, sobretudo, da qualidade do trabalho profissional dos professores. Dessa forma, o grande desafio é utilizar temas polêmicos de forma educativa e como parte do processo educativo, instigando o estudante à reflexão sobre os problemas da sociedade e sua resolução. Frente a estes desafios, irei discorrer, a seguir, sobre a formação continuada dos professores.

## 2.2 A relevância da formação e da formação continuada dos professores

É de suma importância a formação e a formação continuada dos professores, pois auxiliam em suas práticas diárias, deixando-nos mais cultos, bem-informados e aptos a enfrentarem o “mundo” com novas tecnologias.

Kramer (2001, p.32) aborda sobre a qualificação do docente neste processo. Para ela, “É preciso repensar a formação de professores de maneira a cultivar, precisamente, nos professores das próximas gerações, as qualidades humanas e intelectuais adequadas a favorecer uma nova perspectiva de ensino”.

Dada à natureza, especificamente, do trabalho docente, o professor é alguém que deve estar sempre aprendendo, informando-se e transformando-se. É um profissional que deve estar, continuamente, em processo de formação.

Matencio (2000, p. 30) afirma que: “A formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores, tomando as escolas como lugares de referência”. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas de formação forem estruturados em torno de problemas, de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos.

Nesse sentido, o desempenho profissional dos professores pode ser considerado uma importante estratégia de formação continuada de professores. A escola é *locus* de formação, em que, reflexões relacionam-se com teoria, e práticas são efetivadas. Pode-se levar a efeito, a necessária qualificação de professores para trabalhar com as inovações que a sociedade oferece.

Segundo Matencio (2000, p.28):

A formação não se faz antes da mudança, faz-se durante, produz-se nesse esforço de inovação e de procura dos melhores percursos para a transformação da escola. É essa perspectiva de mudança interativa dos profissionais e contextos que dá um sentido às práticas de formação de professores centradas na escola. [...]. Mas hoje em dia nenhuma inovação pode passar ao lado de uma mudança ao nível das organizações escolares e do seu funcionamento.

Para empreender um trabalho no espaço escolar, comprometido com essa nova perspectiva interativa, o professor precisa criar novas metodologias de ensino que tenham como eixo a realidade da escola e de seus protagonistas, relacionando o cotidiano escolar a contextos mais amplos, articulando o senso comum ao saber sistematizado e ,socialmente,

construído, integrando e contextualizando os diversos componentes curriculares à nova realidade social.

Neste enfoque, o processo de formação do professor é complexo, pois envolve, também, os aspectos que emergem e se desenvolvem no cotidiano deste. É no contexto escolar que, os conhecimentos adquiridos nos cursos são colocados em prática. É neste espaço que eles são recontextualizados, é na prática que o aprendido é (re) significado. É na sala de aula, no cotidiano escolar, que emergem as dúvidas, os questionamentos, as novas ideias. Tirar dúvidas, questionar ações, modificá-las, discutir novas ideias, não deixa dúvidas que implica num processo contínuo de formação de professores.

Portanto, em se tratando de um trabalho educacional, a prática escolar exige dos professores a construção de novos saberes, para desenvolver uma prática pedagógica compatível com as novas formas de produzir conhecimento, oportunizado pelas inovações que aparecem no cenário educacional.

Nessa perspectiva, não exige mais a imagem do professor construída apenas por uma representação, mas por várias posições. E isto pode representar o deslocamento de uma força determinante e totalizante para diferentes lugares, e novos sujeitos que se expressam pelos diferentes papéis que ocupam no mundo social.

Entretanto, os esforços dedicados à educação precisam incorporar avanços na expansão e na qualidade. Os professores e educadores têm a tarefa comum de orientar as escolhas, de ajudar crianças e adolescentes a processarem as informações e de serem referências humanas exigentes e compreensivas, para tornarem o aprendizado uma conquista prazerosa e desafiadora.

Para que a qualidade da Educação efetive-se de fato, os governos devem se empenhar em reafirmar a importância dos professores de todos os níveis educacionais e em criar condições, para que aperfeiçoem as suas qualificações por meio das seguintes medidas, como afirma Kalman (2003, p.25): “Estabelecer laços mais estreitos entre as universidades e os institutos de formação de futuros professores para que possam recorrer a eles por meio de tecnologias”.

Reforçando o papel do educador, é preciso lembrar as dificuldades e o que impossibilita a ação pedagógica destes, com relação ao desempenho estudantil em leitura e escrita, como revelaram as professoras investigadas para este estudo:

O desinteresse do aluno é a peça ‘chave’. O desafio de ensinar a ler e escrever é muito difícil, pois tem que haver a participação dos pais, da comunidade escolar. Só, o professor não consegue essa habilidade. Ele é apenas um profissional capacitado

para ajudar o aluno, mostrando a ele que a leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do ser humano (PROFESSORA MORANGO).

A falta de atenção, salas de aula numerosas e muitas vezes a falta de acompanhamento da família, pois a maioria não tem tempo de acompanhar seu filho e deixa essa responsabilidade nas mãos de outras pessoas que não se interessam (PROFESSORA MANGA).

Segundo as professoras, o desinteresse dos estudantes e a falta de apoio da família dificultam impossibilitam o aprendizado deles em relação à leitura e à escrita, o que os prejudica em sua trajetória escolar e social. A família, na maioria das vezes, não participa, das atividades escolares e transfere à escola a responsabilidade por seus entes queridos. É notória a existência de uma necessidade latente de parceria entre família e escola na construção de um trabalho, em equipe, para o sucesso dos estudantes. É preciso que esta harmonia exista, pois o trabalho de um, só faz efeito com o trabalho do outro.

Com a observação no *locus* de pesquisa, pude confirmar o relato da PROFESSORA MANGA que mencionou o problema das salas de aula numerosas, fato este que compromete o desenvolvimento dos educandos e a sua própria realização profissional. Tanto a Professora MORANGO quanto a Professora MANGA disseram que uma das principais dificuldades que elas enfrentam em sala de aula é a falta de interesse estudantil pela leitura e pela escrita. Em virtude dessa falta de interesse dos estudantes, muitas vezes eles tentam ser resistentes ao ato de ler, dizendo que já sabem e, por isso, não precisam mais aprender. Tenho aprendido como docente e docente em formação contínua, que devemos sempre enfatizar aos estudantes que, nós nunca sabemos de tudo, que precisamos sempre ir à busca do novo.

A este respeito, Solé (1998, p.54) afirma que:

Na aquisição deste conhecimento, as experiências de leitura da criança no seio da família desempenham uma função importantíssima. Para além da existência de um ambiente em que promova o uso dos livros e da disposição dos pais a adquiri-los e a ler, o fato de lerem para seus filhos relatos e historinhas e a conversa posterior em torno dos mesmos parece ter uma influência decisiva no desenvolvimento posterior destes com a leitura.

Conforme a ênfase dada pelos autores que subsidiam esse estudo, não devemos esquecer que a leitura é muito importante para a criança, mas a escola não é a única responsável para o bom desenvolvimento da mesma. Os pais podem incentivar as crianças à leitura, a partir do momento em que eles próprios leem, contam histórias em livros infantis,

dispõem de livros, bem como de experiências vividas, ao lerem livros verídicos ou fictícios, fazendo com que as crianças sintam-se motivadas e tomem gosto pela leitura. E, no caso dos pais analfabetos que são milhares em nosso País, eles podem incentivar seus filhos por meio de histórias de seus antepassados, de um diálogo sobre seus conhecimentos de mundo e sobre suas dificuldades diárias por não saberem ler, o que será uma motivação para incentivo à leitura.

Para Solé(1998, p.43) o que impossibilita a aprendizagem é: [...]”a falta de novidade, pode resultar pouco motivadora para as crianças, especialmente se transformar em uma seqüência única”. Para a autora,, os recursos são materiais lúdicos e auxiliam no aprendizado do educando, pois os motivam. Com isso o professor deve trazer novidades para sala de aula, para que os educandos sintam-se motivados a aprender.

Ainda segundo Solé (1998, p.63),

Algumas situações facilitaram mais do que outras essa exploração; assim, nas salas de aula onde existe um cantinho de inventar histórias ou de criar livros, os professores terão mais oportunidades, não só de ensinar a ler e a escrever, mas de observar os progressos e as dificuldades dos alunos, o que facilitará o ajuste da sua intervenção.

Muitos métodos de ensino, trazidos para sala de aula, auxiliam aos professores no que diz respeito a chamar atenção dos educandos e também ao aprendizado dos mesmos. Porém, não é só isso, pois com observação, o professor pode avaliar cada educando diante de seus progressos e de suas dificuldades.

Uma questão fundamental é que os educadores despertem nos educandos o interesse para as finalidades sociais da leitura e sua importância, para que eles possam, então, despertar para o prazer e a disposição que ela pode proporcionar, visto que a leitura é uma prática social utilizada para diferentes fins.

Neste enfoque, Soares (2002, p.19) declara: “A leitura traz benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade como forma de lazer e de prazer, e de aquisição de conhecimento e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação”.

Porém, para que o estudante desenvolva, desde cedo, o gosto pela leitura e escrita, é preciso haver a participação e a presença contínua do professor, que deverá atuar como mediador e ser, antes de tudo, um leitor. Um professor que não lê, jamais trabalhará bem com a leitura. Ele precisa ler muito, gostar de ler e de fazer com que os estudantes leiam. Precisa

ler para os estudantes, ler com eles e saber ouvir as leituras, dos textos que eles próprios produzem ou escolhem para ler.

Para Kalman (2001, p.32): “Alfabetizar-se em um sentido amplo – é aprender a manipular e utilizar a linguagem deliberadamente para participar em eventos socialmente valorizados”.

Nesse sentido, o desafio de todo professor deve ser ajudar o educando a ter bons motivos para ler. E isto se faz, principalmente, mediante convicção, do valor que se atribui à leitura, do entusiasmo em declarar-se um leitor. O professor, iniciando, ou dando continuidade ao processo de leiturização dos seus educandos, tem uma real responsabilidade nesta aprendizagem. Ele cada vez mais tem de se conscientizar disto e pôr em prática estratégias variadas de leitura, para que seus aprendizes consigam interiorizar o prazer que o texto proporciona.

Portanto, a leitura é um processo de construção ativa de sentido e uma prática social que tem fundamental importância em toda a sociedade letrada. Por esse motivo, o professor deve ter como finalidade, formar leitores competentes, capazes de agir, ativamente, no processo de interpretação de um texto, e de usar, socialmente, a leitura.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi enriquecedor e desafiador para mim enquanto pessoa e, sobretudo, em minha formação acadêmica. Por meio dele, busquei identificar e observar as práticas desenvolvidas pelas professoras, dos anos iniciais, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Celso Joaquim Matos, para incentivar hábitos de leitura junto aos educandos.

O estudo realizado permitiu-me identificar a concepção de leitura que norteia o trabalho das docentes sujeitos desta pesquisa, que não se apresenta, exclusivamente, como um aprendizado de codificação dos signos linguísticos, mas sim, um processo, fundamentalmente, marcado pela utilização de um saber adquirido ao longo da vida, que se inicia a partir de experiências, de interações com os indivíduos e com as relações de mundo.

No que tange os resultados, a pesquisa revelou que as entrevistadas demonstraram ter consciência da aquisição da leitura pelos educandos e evidenciaram a relevância que a leitura tem na vida das pessoas, aspecto que a torna, absolutamente, essencial para a construção do conhecimento discente. Por meio dela, os educandos descobrem o mundo e se tornam cidadãos críticos.

Busquei ainda entender por intermédio das respostas das entrevistadas, a relevância das atividades de leitura no contexto escolar, dando ênfase ao papel do professor no ensino da leitura. Percebi que as entrevistadas, mesmo dentro de suas limitações, trabalhavam com variados recursos metodológicos em sala de aula, e que esses recursos são importantíssimos para o desenvolvimento da leitura pelos educandos. O professor deve sempre estar inovando, acerca dos recursos metodológicos que tenham como foco a realidade da escola e seus educandos. Senão também, estar sempre buscando a formação continuada, tomando a escola como *lócus* de formação, relacionando teoria e práticas, de maneira efetiva.

Sendo assim, podemos concluir que a leitura é um processo pelo qual a aprendizagem acontece de forma eficaz, sendo que, mediante ela, o indivíduo desenvolve seu pensamento, linguagem e sua capacidade de identificar e observar, transformando os conhecimentos adquiridos em experiências para o seu dia a dia. A leitura amplia a capacidade de percepção crítica, direciona ações, fortalece a participação de todos para desenvolver a comunicação e o diálogo entre os participantes, de acordo com as necessidades das comunidades.

Por fim, é fundamental que os estudantes aprendam, antes, a ler o mundo em que vivem por meio da construção de suas próprias narrativas. Só assim será possível a construção do conhecimento e a transformação destes, em sujeito de sua própria história.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marides (org.). **Ler e navegar – espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: SENAC, 2003.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais; Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3ª Ed. São Paulo, Ática, 2001.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Lendo a figurativa da mídia na escola. In: FREGONEZI, Durval Emílio (org.). **Leitura e Ensino**. Londrina: UEL, 1999.

KALMAN, Judith. A leitura na escola. In: **Revista Brasileira de Educação – maio/jun/jul/ago 20003 - Nº 26**. Campinas: Autores Associados, 2003.

KLEIMAN, Ângela; MORAES, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **A concepção escolar da leitura**. In: Oficina de leitura. Teoria e Prática. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000

KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola**. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de letras, 2001.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2001.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Trad. Ernani Rosa: Porto Alegre, Artmed, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Compreensão textual como trabalho criativo.** Recife, Departamento de Letras/Universidade Federal de Pernambuco, 2004 Mimeo.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura produção de textos e a escola.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

MORAES, Maria Célia Marcondes. **Reforma de ensino, modernização administrada.** Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2000.

OLIVEIRA, Maria Mary. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 2ª Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

RUDIO, Franz Victor. Introdução do projeto de pesquisa científica. 22. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social.** 17. Ed., 9. Impr. São Paulo: Ática, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

# APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de Termo Livre de Consentimento para as professoras partícipes da pesquisa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA

1.2 NOME DO/A PESQUISADOR/A RESPONSÁVEL, ENDEREÇO, TELEFONES, E-MAIL

1.3 INSTITUIÇÃO PROPONENTE: Universidade Federal de Campina Grande

1.4 FINALIDADE E OBJETIVOS DA PESQUISA:

1.5 ESCLARECIMENTOS AO/A ENTREVISTADO/A: Comprometo-me a informar ao (entrevistado – dizer o nome), todos os desdobramentos desse estudo, a fim de permitir-lhe posicionar-se a respeito. Aproveito para informá-lo ainda, que sua participação nesta pesquisa é voluntária, portanto, poderá ser interrompida a qualquer momento caso vossa senhoria não queira mais continuar contribuindo com o desenvolvimento desse estudo.

Endereço e contatos do/a entrevistado/a

Cajazeiras, de fevereiro de 2013

Nome do entrevistado

RG e CPF

Nome do/a pesquisador/a responsável

RG e CPF

APÊNDICE B – Modelo da entrevista aplicada às professoras  
ROTEIRO DE ENTREVISTA.

**DADOS PESSOAIS**

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos **Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino

**Estado civil:** ( ) solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) Divorciado(a) ( ) Viúvo(a)

**Formação acadêmica:**

( ) Normal Nível Médio

( ) Graduado Curso: \_\_\_\_\_

( ) Especialista Área/Curso: \_\_\_\_\_

( ) Mestre Área/Curso: \_\_\_\_\_

( ) Doutor Área/Curso: \_\_\_\_\_

**Nível/Área de atuação:**

Professor (a) de nível \_\_\_\_\_

Vínculo Empregatício:

( ) Professor (a) concursado (a)

( ) Professor (a) temporário (a)

( ) outra denominação. Diga qual.

Área de conhecimento que leciona \_\_\_\_\_

( ) Educação Infantil

( ) Ensino Fundamental I

( ) Ensino Fundamental II

( ) Ensino Médio

**Tempo de Formação:**

\_\_\_\_\_ anos

**Tempo de atuação profissional**

\_\_\_\_\_ anos

**Aposentado (a)?** (  ) Sim (  ) Não

## **ENTREVISTA**

1-Como acontecem as atividades de leitura na sala de aula?

2-Qual a sua concepção sobre a leitura?

3-Qual é a metodologia que você utiliza em suas aulas para despertar no educando o gosto pela leitura? Justifique.

4-Como os alunos são incentivados a desenvolver o hábito pela leitura?

5- Para você, quais as principais dificuldades encontradas em sala de aula e o que impossibilita com relação ao desempenho da leitura e da escrita?

6-Você considera a leitura como fonte essencial para a construção do conhecimento? justifique.